

TEATRO E HISTÓRIA: NOTAS SOBRE TEATRO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA VINCULADO A CONTEXTOS HISTÓRICOS

Nicolly de Lima Quintela¹

Carlos Alberto Ferreira da Silva possui formação pela Universidade Federal de Ouro Preto, 2012, nas áreas de Direção Teatral, Interpretação e Licenciatura em Teatro; Mestre e Doutor do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia, em sua Tese de Doutorado trata sobre o detalhamento da encenação conhecida como “Cidade Cega”. Em suma, nessa resenha será abordado o Prólogo com uma Introdução aos devaneios da pesquisa, Flâneur Cego e o Encontro com uma experiência pelos caminhos do Flâneur Cego, explanando o sujeito Flâneur, termo este que se tornou um símbolo importante utilizado por Walter Benjamin inspirado na poesia de Charles Baudelaire, em sua relação com a cidade, trazendo uma consolidação de experiências vívidas de pessoas com deficiência visual em meio a urbe, indivíduos estes: Claudio Vilas Boas, Cristina Gonçalves, Gilson Coelho, Rutiara Garcia e Valmira Sales, que fazem parte do Grupo de Teatro Noz Cego e Milena Flick, uma artista vidente. Este trabalho se passa na cidade de Salvador (Bahia) em torno da escrita, produção e realização do encenador/produtor Carlos Alberto Ferreira.

O Prólogo é a primeira etapa da obra onde começa com a descrição de uma visão predominante sobre cidade na qual se faz comum hoje em dia, como engenheiros, urbanistas, arquitetos, grandes vias, edifícios e automóveis. Estas mesmas características se tornam comuns pelo centro da urbe, principalmente a presença de vários prédios dando uma ideia de cidade verticalizada ou “crescendo para cima”. Esta mesma realidade vira expectativa para os moradores da periferia que não se encontram envolvidos neste progresso, e que portanto é perceptível na cidade uma exclusão social ou seleção humana conhecida como Darwinismo Social, termo popularizado em 1944 pelo historiador Richard Hofstadter, onde o mesmo trata-se da luta pela existência e sobrevivência dos mais aptos para justificar a falta de políticas em favor da humanização.

Em uma cidade há manifestações de várias situações corriqueiras, destas situações está uma na qual inspirou Carlos Alberto Ferreira em sua obra “Cidade Cega” descrito em sua tese

¹ Bacharelada em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: nicolyquintela12@gmail.com

um fato memorável em outubro de 2013 envolvendo um senhor com deficiência visual que estava procurando atravessar a rua (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 89), o senhor cego precisava de um auxílio para continuar o seu percurso em que se imagina que esta mesma ajuda viria de uma pessoa vidente.

Cidade Cega, então, se torna uma obra que se desvincula desta “lógica social” presente na vida de muitos senhores cegos deslocando-se para uma experiência somático/performativa guiadas com atores com deficiência visual, todos estes participantes usariam uma venda nos olhos para experienciar uma “prática artística no espaço urbano” (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 89), o que antes, tornava-se comum compreender o auxílio de uma pessoa vidente para com uma pessoa com deficiência visual, no entanto, nesta proposta esta lógica era subversiva, pois seriam os cegos quem guiariam os videntes.

Trazendo informações com base na Organização Mundial da Saúde (OMS) “cerca de 39 milhões de pessoas são cegas no mundo. Já outras 246 milhões sofrem de perda moderada ou severa na visão” (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 43). Em um contexto nacional cerca de 23,9% da população possuem algum tipo de deficiência, na qual a visão é a mais encontrada.

A obra Cidade Cega é composta pela contemporaneidade e vai além de um viés social, político e tecnológico. Segundo Carlos Alberto Ferreira da Silva, os estudos teatrais se tornaram cruciais durante o seu mestrado justamente por fazer parte de todo o seu método de pesquisa desmembrado em sua mediação de encenador/produtor, foi necessário “pensar nas diferentes funções que são responsáveis a um sujeito, a produção teatral, identifica-se que o processo de criação de uma encenação é movido de várias etapas” (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 36), na qual o Prólogo é uma delas. Como qualquer outra produção foi necessário o uso de recursos financeiros para a sua execução.

Carlos Alberto Ferreira descreve em sua obra que “as pessoas caminham e passam inúmeras vezes pela cidade, mas no fim, acabam não se apropriando nem da visão nem dos demais sentidos durante o percurso” (FERREIRA DA SILVA, 2018), é possível relacionar esta compreensão sobre cidade com o pensamento do historiador Yuval Noah Harari na qual o mesmo aborda que “pessoas separadas de seus corpos, sentidos e entorno físico sentem-se alienadas e desorientadas” (HARARI, 2018, p. 120), ou seja, não buscamos compreender as experiências sensitivas de uma cidade muito menos a sua história no contexto social. Esta abordagem descritiva e aprofundada sobre cidade constituiu atividades de documentação através do Teatro dentro da obra Cidade Cega, como por exemplo, o “Tecendo a nossa história”, que remete a uma ideia de cidade de acordo com seu processo histórico relacionado a realidade de um

sujeito com deficiência.

O trabalho “Tecendo a nossa história” foi uma experiência cênica aprovada pela Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) que por início abordaria sobre o diálogo entre a tecnologia e memória em função do meio urbano e rural, este trabalho foi pensado como um documento audiovisual trazendo a visão da cidade baseada em máquinas, fotografias, celulares e filmadoras. Todavia, este mesmo trabalho que visava somente uma documentação foi levado com o objetivo de potencializar as pessoas com deficiência visual evidenciando suas diferentes realidades em um mesmo espaço geográfico.

De acordo com Carlos Alberto Ferreira “a experiência do projeto Tecendo a nossa história possibilitou o distanciamento para compreender o contexto real do que é uma cidade para uma pessoa com deficiência visual e o formato ilusório de como as cidades são criadas para todas as pessoas” (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 39), em outras palavras ainda há uma segregação implícita em vários espaços geográficos mundo a fora, e este é o motivo de impulsionar a sensibilidade na hora de conhecer uma urbe, pois uma cidade possui aspectos diferentes para pessoas diferentes. A partir deste pensamento Carlos Alberto Ferreira desenvolveu o Flâneur Cego dentro de sua obra Cidade Cega com pessoas com deficiência visual.

Carlos Alberto Ferreira resolveu então desenvolver a atividade do Flâneur Cego (que constitui em sua obra Cidade Cega) com membros do Grupo de Teatro “Noz Cego”, componentes estes: Claudio Vilas Boas, Cristina Gonçalves, Gilson Coelho, Rutiara Garcia, e Valmira Sales. Em fevereiro de 2015, foi realizado o primeiro encontro com o grupo na Escola de Teatro no qual descreveu como realizaria a atividade do Flâneur Cego, onde o percurso seria de acordo com o trajeto de casa de cada sujeito e, por meio dessa movimentação pode-se ter a descrição de dificuldades, acessibilidades e incômodos.

Em meio ao percurso do Flâneur Cego foi possível identificar as experiências contidas através das áreas sensoriais, que segundo Carlos Alberto Ferreira, a experiência possibilitou sons de ruídos e barulhos exteriores, cheiro e odor do espaço; sensações do toque e do contato, e a visão por sua vez identificou o equilíbrio e a decodificação (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 66).

Em seguida, é trabalhado a etapa do Encontro organizado com os participantes do Grupo Teatral Noz Cego, Milena Flick (atriz vidente), dos integrantes do Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual (com a canção “Rua de Passagem”), do encenador Carlos Alberto Ferreira e da equipe técnica: Jéssica Andrade, Jamile Cruz, Davi Arteac, Dadielle Lima e Felipe Calicott (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 89).

O Encontro traz aos atores uma perspectiva interna que se envolve no presente momento da experiência com a cidade evidenciando uma encenação somático/performativa, este mesmo ator mostra uma conduta performativa em sua condição com a urbe ao que diz respeito do seu cotidiano e realidade potencializando o Flâneur Cego. Segundo Carlos Alberto Ferreira da Silva, “embora a pessoa com deficiência possua o hábito de sair pelas ruas, caminhar e defender sua autonomia, enquanto cidadão, a prática de flunar possui uma poética destinada, em alguns casos, à literatura e ao literato” (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 95), ou seja, o Flâneur Cego se mostra como um ser performativo pela cidade pelo fato de transmitir a sua realidade a ela.

De acordo com Carlos Alberto Ferreira da Silva, a encenação está baseada no que o Flâneur Cego pode contribuir com a urbe, a partir de sua vivência, através das ações dos atores como uma “intervenção urbana”, esta inspiração envolve tanto o conhecimento físico como o sensorial analisando a maneira que esse sujeito se comporta sobre um espaço geográfico. A prática da intervenção urbana dada pelo Flâneur Cego ocorreu na Praça de Campo Grande por volta da cidade de Salvador (Bahia) que carrega uma coletividade historiográfica de culturas e tradições, todavia, o Flâneur veio para problematizar se a realidade de uma pessoa com deficiência visual também faz parte deste ajuntamento cultural na qual compõe a história da cidade.

Dentro da obra Cidade Cega é descrito uma oficina chamada “Sentindo a cidade”, uma experiência cega em que o Flâneur se torna um observador sensorial em conjunto com a cidade, através da intensificação das áreas sensitivas primárias analisando e processando as experiências adquiridas no espaço, este trabalho é composto pelos atores do Noz Cego e Milena Flick, esta oficina começa com a ligação do ator com sua imagem pessoal mostrando a importância de uma autorreflexão como “CorpoCidade”, isto fortalece a atividade do agente observador em meio ao espaço, Carlos Alberto Ferreira descreve que o processo de intimidade tornou-se válido devido a venda nos olhos de todos os participantes.

A ideia de vender os olhos em pessoas com deficiência visual “contribuem para o domínio de habilidades no corpo” (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 106) pois ocorre o aguçar do equilíbrio, coordenação, controle e postura, requisitos estes que são de suma importância na ação de flunar. Um utensílio bastante importante tanto quanto a venda nos olhos na encenação somático/performativa foi a audiodescrição, os atores conseguiram se integrar melhor no espaço trazendo também concentração na condução do percurso, o que antes a atividade ocorria no pessoal, agora esta mesma reflexão se relacionava com todo o grupo.

O autor aborda que tanto a relação pessoal quanto grupal não houve pensamentos de

negligência ao sujeito com deficiência visual, segundo ele “não houve o pensamento de ‘Coitadinho’, ‘Ele é isso ou aquilo’, ‘Ele dá conta de fazer isso?’, esses pensamentos, que frequentemente aparecem nos comentários das pessoas com relação a pessoa com deficiência” (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 121), a visão maior estava na independência do corpo com deficiência demonstrando o quanto este também faz parte da urbe.

Na minha percepção há uma nitidez na qualidade da obra, pois se encontra certos detalhes como a conceituação do termo Flâneur Cego já mencionado pelo crítico literário Walter Benjamin, que é um sinônimo de um sujeito vadio, errante, caminhante e observador, caracterizando o principal objetivo de Carlos Alberto Ferreira da Silva sobre este sujeito que é a capacidade de conhecer, criar, incomodar e modificar. Segundo o autor, o Flâneur Cego “narra caminhos e cria mapas” (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 62), ou seja, um indivíduo que é capaz de performar a sua cidade e dar significado a ela, evidenciando a originalidade do sujeito em meio a urbe.

Cidade Cega é uma obra que explanou um sentido de cidade que já constituía o espaço mas que era pouco explorado, a tese exorta o quanto que mais histórias precisam ser agregadas junto aos valores da cidade fazendo jus a simbologia de que a urbe se mostra “de Todos os Santos”, barreiras atitudinais de ignorância, rejeição e piedade quanto a um corpo com deficiência precisam ser deixados para trás para se ter a valorização e o reconhecimento do ideal de inclusão.

Nesta tese é descrito que ao longo das décadas pessoas que por muito tempo foram consideradas “portadoras” ou “anormais” buscam cotidianamente seu lugar de fala e sua independência, o que tem grande relação com o documentário “Crip Camp: Revolução pela Inclusão” lançado em 2020 pela direção de Nicole Newnham e James Lebrecht, onde pessoas com deficiência lutam pela representatividade em sua atual realidade. Neste documentário é apresentado aspectos sobre democracia, direitos humanos e igualdade em que esses sujeitos criam um posicionamento estrutural de independência. Tanto a obra quanto o documentário evidenciam valores muitas vezes descartados pelos seres humanos, valores estes que envolve alteridade, equidade e inclusão.

Em uma questão histórica, as estruturas teatrais primitivas se iniciaram desde os tempos gregos em que essa atividade era formada por arquibancadas, onde o público se acomodava e assistia a peça teatral então mostrada. Em tempos contemporâneos, é preciso refletir o quanto este modelo sem um meio acessível pode segregar um grupo social, o que se leva a reflexão de que nem todo teatro precisa ser contemplado somente pela visão. No trabalho de Cidade Cega, o teatro não está em ver, mas em sentir, nesta obra a visão está ligada a uma introspecção do sujeito

a somar essa performance com a cidade, o Flâneur Cego está adepto a todas as pessoas independente de suas características peculiares quebrando esta conceituação de que teatro é só assistido e não vivenciado.

A Prática como Pesquisa é um aspecto muito encontrado no Flâneur Cego através da sua performatividade com a cidade, este mesmo exerce sua função de observador de acordo com o seu trajeto aguçando suas áreas sensitivas em que foi possível perceber a reconstrução de tempo, espaço, conceitos e sentimentos. O Flâneur Cego não está em uma situação de sujeito que passa pela cidade como um estágio temporário, muito pelo contrário, este espaço agora é verdadeiramente vivenciado, isto também é afirmado com o que Jorge Larrosa Bondía diz em sua obra *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*, onde se problematiza se a experiência é uma mera informação falada ou uma simples prática científica. Segundo Larrosa Bondía a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21), uma experiência plena é aquela que parte de uma atuação em detrimento do que se pensa em trabalhar. A prática do Flâneur Cego é justamente entender o seu ambiente através da sensibilidade que é evidenciado na prática possibilitando trabalhos como a Cidade Cega.

Um dos benefícios para os leitores de primeira viagem é o exame introspectivo que a obra proporciona em que é preciso compreender a noção de cidade na perspectiva de uma pessoa com deficiência visual, além de que há uma necessidade da acessibilidade atitudinal, isto é, uma inclusão de pessoas com deficiência visual nas áreas sociais, culturais e políticas. Devido à falta de empatia e alteridade das pessoas com o seu próximo, esta obra traz uma reflexão ao leitor se a cegueira é um problema visual ou social.

Esta obra também garante ao leitor o seu fácil acesso, seja em documentos digitais (PDF'S) ou em mídias sociais, como por exemplo, o Instagram, Facebook e Youtube, o que mostra um viés de visibilidade da obra para todos que se mostram interessados.

Um outro ponto positivo é que este material abre novas perspectivas de trabalhos acadêmicos, no curso de História, por exemplo, se pode trabalhar com livros, artigos e outros documentos de pesquisa feitos por historiadores com deficiência visual, trazendo a inclusão e a visibilidade do autor da obra, além de possibilitar novas pesquisas de campo e minicursos que podem ser planejados agregando temas como Educação Inclusiva, História e Acessibilidade entre outros projetos.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Ver. Bras. Educ. [online]. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002, p. 20-28.

HAHARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21.** Tradução Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Carlos Alberto Ferreira da. [Prólogo] - Cidade Cega, uma introdução aos devaneios da pesquisa, Flâneur Cego. [Encontro] - Cidade Cega, uma experiência pelos caminhos do Flâneur Cego. In: Silva, Carlos Alberto Ferreira da. **Cidade Cega:** uma encenação somático/performativa com atores/performers com deficiência visual na cidade. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas) - Escola de Teatro e Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018, p. 34-175.

Data de submissão: 07/09/2020

Data de aprovação: 27/09/2020